

## MACHADO DE ASSIS E A MODERNIDADE

Manuel Antonio de Castro\*

Como relacionar Machado e a modernidade? O que Machado tem a ver com a modernidade? Para responder a estas perguntas é necessário, metodologicamente, nos afastarmos e, como quem se reveste de objetividade, indagar: Que leituras foram feitas de Machado? A primeira, mais constante e tradicional, diz que Machado é realista. A leitura baseada nos estilos de época, sobretudo no caso de Machado, é tão-somente um recurso didático cômodo, que muitas das vezes mais descaracteriza do que caracteriza. Em vez de esclarecer, confunde e engana: tanto em relação ao próprio termo "realismo" como ao seu emprego em relação à obra machadiana. Há autores que preferem chamá-lo de impressionista.

Que outra leitura? A psicanalítica. Machado é freudiano "avant la lettre", por isso mesmo, é nele que já encontramos reflexão sobre problemas com que a psicanálise também se debate: a questão da representação. Nosso tema também não é Machado e a psicanálise. O lançar mão de um sistema de conceitos-significantes e com ele fazer uma "leitura" da obra machadiana nem sempre esclarece mais a obra e sim exemplifica a teoria.

Afinal, o que é uma leitura? Todo ler radical é fundador. Por isso a obra machadiana se inscreve na modernidade e ao se inscrever a descreve e circunscreve. Mais: a proscreeve.

Voltamos à questão inicial: o que Machado tem a ver com a modernidade? A própria leitura psicanalítica pode ser uma demonstração da sua inserção na modernidade. Na realidade, o problema é a modernidade. Como inserir Machado na modernidade sem traçar a moldura desta? Trata-se então de apontar e pontilhar as quatro linhas onde se configura o seu enquadramento. Seriam quatro questões básicas:

---

\* Professor do Departamento de Ciências da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1ª A questão dos valores metafísicos.

2ª A questão da ciência/técnica.

3ª A questão da identidade/representação.

4ª A questão da mimesis/representação-hermenêutica do real. Há um quinto tópico que enlaça e envolve os quatro precedentes: o exercício do pensar.

Esta configuração quadripartite da modernidade encontra apoio em Kant. Foi em suas obras que se montaram os eixos da modernidade, especialmente as três críticas.

Em *Crítica da razão prática*, nós vamos ter a questão dos valores metafísicos. As essências metafísicas legitimavam e fundavam a ordem dos valores metafísicos. A *Crítica da razão pura* mostrara a impossibilidade de legitimar, racionalmente, qualquer essência metafísica.

Posto em questão o paradigma metafísico, o que fazer dos valores? Onde fundá-los? Kant responde com o imperativo categórico. A burguesia se aproveita desta mudança para se lançar contra a aristocracia, tomando-lhe o poder. Mas tomado o poder reintroduz integralmente todo o paradigma dos valores metafísicos. Evidente que apoiada numa contradição básica, que ela não consegue resolver: a burguesia na ordem da teoria é uma, na ordem da prática é outra. Tal contradição leva à representação do simulacro. Se examinarmos a galeria de personagens machadianos, estará presente esta contradição básica. À medida que a obra machadiana amadurece, mais se fazem presentes a desagregação moral e o impasse ético, decorrentes dessa contradição básica. O aparente pessimismo machadiano e a sutil ironia encontram nessa fonte alimentação contínua. O conto "*Teoria do medalhão*" é exemplar. Nossa crise de valores hoje já encontra em Machado um perspicaz precursor.

Fiquemos atentos, porém. Machado não é um moralista. Machado é ético. E aqui entra em cena o segundo eixo da modernidade: a questão da ciência/técnica. Os postulados realistas se alimentam de uma concepção otimista, progressista e superficial da ciência. Machado nisso nada tem de realista. Pelo contrário, sua percepção do significado e alcance do poder da ciência/técnica o faz ter uma posição distante e crítica. Faça-se uma leitura de "*O alienista*", focalizando-se a ciência. Vai aparecer toda a perplexidade frente ao poder da ciência. Diante dela todos se curvam, inclusive o poder político-revolucionário. Diante dela nos sentimos hoje acuados, como os habitantes de Itaguaí.

Os postulados científicos de Simão Bacamarte e os postulados da *Crítica da razão pura* são filhos da mesma questão. Qual a atitude moral de Simão Bacamarte? Eis a

contradição que Machado aprofunda. É só ler. Esqueça-se a loucura e pense-se a atitude moral e ética em "*O alienista*".

Mas há um outro texto de Machado onde a relação ciência-moral vai aparecer mais intensamente. Trata-se de "*Conto alexandrino*". O título já nos remete para a questão da ciência. A ação se passa em Alexandria, a cidade que centralizou a ciência da antigüidade. Stroibus, com seu discípulo Pítias, ambos nascidos em Creta, formulam uma nova teoria científica: a possibilidade de transferência de qualidades via sangue. Por exemplo: o sangue de um rato, dado a beber a um homem, transforma-lo-ia em ladrão. Os elementos constituintes estariam no sangue.

Na realidade, a teoria de Stroibus é mais radical e sua essência é o que hoje mais nos assusta. Propõe "... *reconstituir os homens e os Estados, distribuindo os talentos e as virtudes*".<sup>1</sup> Este perigo já habita o nosso cotidiano com as pesquisas genéticas. E o filme "*O caçador de Andróides*" não pareceu tão distante da realidade.

O decorrer da estória é cheia de lances que nos fazem pensar. Instigado a comprovar a teoria, coerentemente, Stroibus se oferece para objeto da experiência, embora ele, clarividente, perceba o que o espera e declare: "*O meu sacrifício é o mais penoso, disse ele, pois estou certo do resultado; mas o que não merece a verdade? A verdade é imortal, o homem é um breve momento...*"<sup>2</sup>

A ciência se erige não como uma verdade, mas como a verdade. E ao fundar a verdade institui a sua moral, a qual não tem limite no humano, porém, nela mesma. O resultado da experiência é triste e preocupante.

Mas antes um detalhe, o detalhe técnico. Stroibus e Pítias iniciam a experiência que consistia em matar ratos e beber o sangue e com isso transformar os dois honrados e inatacáveis cientistas em ladrões. O detalhe consiste no seguinte: a técnica de matar os ratos. Deveriam ir lentamente enterrando o bisturi até atingir o coração. É então que surge um outro "problema". Durante o ritual de morte observam a cor dos olhos dos ratos em agonia. Não chegam a um acordo sobre a exata cor e, nessa discussão bizantina, só nesse dia, sacrificam muitos ratos. O matar tornara-os, tecnicamente, insensíveis. O detalhe técnico decorre da teoria científica. Machado também já percebe a íntima relação da ciência e da técnica.

---

<sup>1</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, V. 11. p. 412.

<sup>2</sup> Idem, p. 413.

A sociedade, ao saber disto, protesta, mas Strobilus a convence com argumentos científicos. No entanto, a experiência já dera resultados, pois os honrados cientistas começam a roubar objetos e livros da famosa biblioteca.

Descobertos, são condenados. É então que entra em cena Herófilo, inventor da anatomia. Este convence o rei a que lhe entregue os criminosos condenados à morte e, assim, possa fazer com eles as experiências anatômicas. E os dois cientistas morrem numa terrível agonia, qual novos ratos.

A passagem do uso de ratos/animais para o uso de homens nas experiências científicas coloca o cada vez mais atual problema da discussão moral-ética da ciência. Não se trata nem mais de questionar os valores morais metafísicos ou valores morais burgueses, se os houve, mas sim da relação ética/ciência.

Machado, chegando a esse limite, nos coloca diante do terceiro eixo da modernidade: a questão da identidade/representação.

Se a ciência é o paradigma de verdade e leva o homem a esse limite, o que resta de identidade humana? O homem, ironicamente em primeiro lugar o cientista, se sacrifica no altar da ciência. Mas é mais do que a simples morte. É a possibilidade da morte em vida, da transformação dos homens em objetos, em robôs técnicos, em andróides. E esta é a essência da perda da identidade, a perda da vontade e da liberdade, a perda de qualquer dimensão ética. Não confundamos identidade com nacionalidade. Porque esta confusão é mais um artifício burguês em que Machado, atento ao essencial, ao espírito da modernidade, não caiu. Machado tem na identidade um tema constante da sua poética. A título de exemplo, leia-se o conto "*O espelho*".

O quarto eixo da modernidade na poética machadiana, ou seja, a questão mimesis/representação – hermenêutica do real, está no uso sutil do código verbal e suas possibilidades retóricas. Veja-se, a título de exemplo, nosso ensaio sobre seu romance *Dom Casmurro*: "*O enigma é Capitu ou Dom Casmurro*".<sup>3</sup>

Mortos os cientistas, termina o conto:

*Diziam os alexandrinos que os ratos celebraram esse caso aflitivo e doloroso com danças e festas, a que convidaram alguns cães, rolas, pavões e outros animais ameaçados de igual destino, e outrossim, que nenhum dos convidados aceitou o convite, por sugestão de um cacho"o, que lhes disse melancolicamente: - "Século virá em que a mesma coisa nos aconteça ". Ao que retorquiu um rato – "mas até lá, riamos."*

---

<sup>3</sup> CASTRO, Manuel Antônio de. *Travesia poética*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977. p. 25-44

Eis a ironia, eis um dos muitos recursos retóricos que Machado usa com competência, porque desce ao cerne da mimesis/representação. Ironia aí não é propriamente pessimismo, mas representação mimética, isto é, hermenêutica do real.

Tendo apontado brevemente os quatro eixos da poética machadiana, através dos quais nos surge o preocupante quadro da modernidade, ele mesmo sendo modernidade, porque passageiro do mesmo barco, não queria terminar sem deixar de assinalar que Machado não é prisioneiro da moldura da modernidade. Está além-aquém, antes e depois. Machado sabe que a ciência não é tudo. Conhece seu ponto fraco. Uma passagem do conto nos faz pensar. Stroibus defende sua teoria e afirma:

- (...) *Os elementos constitutivos do ratoneiro estão no sangue do rato, os do paciente no boi, os do arrojado na águia...*  
- *Os do sábio na coruja, interrompeu Pítias, sorrindo.*  
- *Não; a coruja é apenas um emblema (...)*<sup>4</sup>

A sabedoria do sábio não é um problema científico, não é um problema da modernidade. É muito mais que um emblema (tradução meramente retórica). A sabedoria é, não se explica, não se experimenta, não se transfere. A sabedoria é a obra machadiana, única, intransferível, para além do realismo e da modernidade.

Pensar, pensar, procurar a sabedoria é a questão maior na poética machadiana, e a grande questão da modernidade.

---

<sup>4</sup> ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962. V.II. p. 417.